



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

JOSÉ RÔMULO FEITOSA

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO

CAMPINA GRANDE

2013

JOSÉ RÔMULO FEITOSA

Relatório apresentada ao componente curricular Prática de Ensino de história na escola de 1º e 2º graus do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, ministrada pela professora doutora Eronildes Câmara de Araújo, como requisito para a obtenção da aprovação.

CAMPINA GRANDE

2013



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. ATIVIDADES PROPOSTAS.....	4
3. PLANOS DE AULAS.....	8
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18

1. INTRODUÇÃO

Este relatório será confeccionado numa dimensão que não se resumirá ao binômio ensino-aprendizagem, mas problematizará o fenômeno da sala de aula considerando princípios filosóficos, tais como a estética da sensibilidade, a política da igualdade e a ética da identidade, que juntamente com os eixos cognitivos do ENEM, propõe uma educação que transponha os muros das unidades educacionais, para se contextualizar nas demandas da sociedade, que por sua complexidade exige respostas que abarcam diversos saberes, que são interdisciplinares.

Nesta perspectiva, esta produção tematizará diversos pensadores que problematizam a atividade docente, mas, colocando-se numa atitude de tentar responder as demandas do mundo moderno, contemplará os subsídios que norteiam o fazer escolar, qual seja os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Depois de serem consideradas as orientações nacionais sobre a prática docente, será apresentada, nos planos de aula, a tentativa de concretude dos avanços teóricos no cotidiano da sala de aula. Nestes planos de aula se trabalhará temas como “As ruas de Campina Grande, Dengue, salubridade pública e repercussão social e Internet e redes social. Estes temas foram escolhidos a partir do viés de tornar o saber contextualizado, que parte do universo de conhecimento e atração dos alunos, para se chegar de forma ampla, relacionando os conceitos das variadas ciências que compõem o campo das ciências humanas, a conclusões possíveis, tendo como eixo cognitivos a . competência do ENEM - área 2: construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

2. ATIVIDADES PROPOSTAS

2.1-Fichamento do texto “O saber histórico na sala de aula” , Circe Bittencout (org.)

A obra supracitada é uma coletânea de vários artigos, dentre eles, destaca-se um artigo intitulado “A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula”, de autoria de Maria Auxiliadora Schmidt. Neste texto a autora as questões que envolvem o ensino de história a nível nacional se reporta a duas linhas de debates que versam sobre a reforma do currículo da educação básica e superior, bem como, a qualificação do corpo docente.

A autora aponta a regularidade, muitas vezes por iniciativa de órgãos estatais responsáveis pela educação, tais como as secretarias de ensino, dos debates, congressos, colóquios, treinamentos, objetivando introduzir na cultura escolar novas perspectivas de ministrar o ensino de história, numa dinâmica de possibilitar aos alunos a realização de uma leitura de mundo que abranja uma visão menos especializada da sociedade. Schmidt, no entanto, afirma que os avanços oriundos dos debates ainda não foram incorporados na sala de aula de maneira satisfatória. A autora aponta como uma variável do relativo fracasso na incorporação dos avanços em sala de aula, a falta de infra-estrutura nas escolas, falta um ambiente salubre, seguro, adequado ao uso de novas tecnologias, bem como recursos didáticos ligados a informática, a exemplo de data-show, etc.. Ainda uma outra variável se reporta a péssima valorização profissional traduzida na remuneração salarial defasada e não atraente.

Uma possível solução para está não adequação do cotidiano da sala de aula em relação ao avanço dos debates sobre o ensino de história, para a autora, está no compromisso do professor para com um saber-fazer-bem, fazendo da sala de aula um palco para a problematização, o questionamento, a não reprodução automática do conteúdo dos livros didáticos. Schmidt propõe não uma fórmula que envolva grandes reformas na formação dos professores a começar dos cursos de graduação, mas um desafio que coloca o docente na condição de produtor do conhecimento e não seu reproduzidor.

Nos debates em sala de aula da disciplina Prática de ensino muito se destacou a premissa que coloca o professor nesta dinâmica da pesquisa, do constante aprendizado, do

conhecimento e uso de novas metodologias que façam a interligação entre a escola e o mundo, o saber e o cotidiano.

2.2-Fichamento do texto “Práticas interdisciplinares na escola”, Ivani C. A. Fazenda

A autora Ivani Catarina Arantes Fazenda trabalha a dimensão interdisciplinar na formação dos professores formulando a questão de como a interdisciplinaridade se define na formação dos professores? Inicialmente, Fazenda, apresenta uma definição para a interdisciplinaridade colocando-a, simplesmente, como sendo a interação entre duas ou mais disciplinas, contudo, apresenta uma outra compreensão mais aprofundada para fazer frente a problemática exposta, qual seja, a relação entre as disciplinas deve considerar conceitos centrais como epistemologia, terminologia, procedimentos e os dados da pesquisa e do ensino, dentre outras possibilidades.

Ivani, mesmo apontando a interdisciplinaridade como sendo uma relação de conceitos, procedimentos, pesquisa e ensino, afirma ser necessária a decodificação da temática a partir da ordenação científica e social permitiria o surgimento de novas motivações epistemológicas, novas fronteiras existenciais, novos campos de convergências, obrigando o lente a rever sua práticas e descobrir seus talentos, no sentido de planejar suas aulas abrangendo diverso saberes, diversas formas de abordagens a partir de uma mesma temática. A ordenação social representa os desafios que a complexidade do mundo, da chamada “realidade” impõe para as ciências, que especializadas, fechadas em seus objetos de estudos não poderia fazer frente a problemática complexa da leitura do mundo moderno.

Partindo destas ordenações, a autora, identifica a formação de competências e campos temáticos que apontam para a formação de saberes que compartilham um objeto epistemológico comum, a exemplo das ciências humanas, ciências exatas, ciências aplicadas, etc.. Portanto, faz-se premente a revisitação do momento de formação das disciplinas, procurando detectar como se deu a especialização, para assim, poder propor uma síntese conceitual que vá além das fronteiras das disciplinas, buscando responder adequadamente as problemáticas e finalidades sociais.

Nas aulas de prática de ensino os debates versavam sobre a necessidade de se adequar ao ensino básico as novas exigências do MEC, especialmente com relação ao ENEM, que elenca competências e campos de saberes comuns, a partir do viés da interdisciplinaridade. O objetivo geral do plano de ensino se reporta a produzir oportunidades de criar e a participar em experiências metodológicas, tecnológicas e de caráter inovador e interdisciplinar. Este objetivo traduz bem um programa de formação que está antenado com novas metodologias, que não se conformam na aplicação de recursos didáticos, mas abre as possibilidades de se fugir do ensino conteudista para se abrir as formas que também formam, ou seja, a forma de abordagem de determinados temas impulsionam professores e alunos a serem criativos, produtivos a se voltarem para a pesquisa.

2.3-Breves considerações sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia

Os PCNs de História e geografia, publicados em 1998, de vertente eminentemente interdisciplinar, compõem a parte das Ciências Humanas e suas Tecnologias, no entanto, o objetivo central dos referidos parâmetros se volta a “estruturar um currículo em que o estudo das ciências e o das humanidades sejam complementares e não excludentes”(pg. 7). Os PCNs estão fundamentados em princípios filosóficos oriundos da estética da sensibilidade, estimulando a criatividade, estando presente no **aprender a conhecer e no aprender a fazer**, “superando a falsa divisão entre teoria e prática” (pg. 8); na política da igualdade, no **aprender a conviver**; na ética da identidade, no **aprender a ser**. Estes princípios que envolvem o indivíduo, o meio social, a construção do saber e o uso da técnica, ou melhor dos meios tecnológicos, compõem uma proposta educacional que se atenta a um horizonte conceitual amplo, possibilitando pontes, leituras diversas, para fazer jus a uma sociedade que se modifica rapidamente.

Diante da complexidade da sociedade tecnológica que envolve a cultura escolar se faz imperante uma nova postura do ensino na perspectiva da aprendizagem. Por isso novos temas, novas metodologias se insinuam nesta tentativa de aprender com o mundo que cerca a escola, a vida não cabe dentro da sala de aula, portanto, quanto mais a escola estiver aberta ao mundo mais poderá se situar como espaço de conhecimento, de produção, de convivência e de

descoberta da identidade. Neste contexto, novas temáticas se apresentam para a história, “considerando a pluralidade de sujeitos em seus confrontos” (pg. 21). Não se busca mais explicações em estrutura ou na ditadura dos eventos, agora, o homem e a mulher, na sua singularidade que interage no meio que lhe cobra atitudes, então em cena. Metodologicamente os documentos deixaram de ser considerados a verdade sobre os fatos para se localizar o lugar de onde falam, suas intencionalidades. A partir da metodologia da História Cultural as fontes históricas se multiplicaram, tornando-se um campo fértil para a interdisciplinaridade, fazendo uso de diferentes linguagens tais como a música, teatro, literatura, artes, etc..

O tempo histórico segundo os PCNs não se conforma na contagem linear, porque a medida do tempo se transforma em temporalidades, diversos ritmos das diversas culturas. A diversidade de temas, de épocas, usando diferentes fontes e linguagens, a História, contribuirá para que os educandos se apropriem de competências e habilidades, aprendendo os significados das mudanças e permanências. O trabalho de pesquisa a partir da sala de aula abre espaço para a reflexão, a crítica e a produção do saber.

3-PLANOS DE AULA PARA O ENSINO MÉDIO, SEGUNDOS OS EIXOS COGNITIVOS DO ENEM.

3.1 - PLANO DE AULA 1

1. COMPETENCIA DO ENEM - ÁREA 2: construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

2. Tema: Ruas de Campina Grande

3. TURM: 3º ano médio

4. OBJETIVO GERAL: Compreender a vivencia social construída a partir dos laços de convivência experimentados nas mais diversas ruas de Campina Grande, a partir do universo de moradia dos alunos, aplicando conceitos tais como reforma urbana, localização geográfica, memória e poder, a partir do viés da interdisciplinaridade.

5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- 5.1 Problematizar o processo de escolha dos nomes das ruas;
- 5.2 Analisar a imposição dos nomes das ruas como um discurso que cria uma memória;
- 5.3 Estudar as ruas a partir de sua localização geográfica;
- 5.4 Compreender a reforma urbana de Campina a partir dos anos 30 e 40;
- 5.5 Trabalhar o conceito de centro e periferia;

4.6 Discutir as explicações, a partir da reforma urbana de 1930, que se estabeleceram para a higienização do centro com a criação de lugares para grupos mal vistos pelos letrados e juristas, como por exemplo a zona de prostituição.

6. DURAÇÃO DAS ATIVIDADES:

4 aulas de 50 minutos

7. ESTRATÉGIAS E RECURSOS DA AULA

7.1 Introdução:

Os nomes das ruas de Campina Grande se reporta a uma escolha que comportava os diversos discursos memorialistas, atrelados aos diversos momentos da história político-administrativa do Brasil, Estado e da própria cidade. Existem nomes de personagens da história colonial, independência, república e de administradores municipais, etc. As ruas de Campina Grande passaram por transformações motivadas pela engenharia da modernidade, que não somente remodelou a estética da cidade, mas a higienizou, criando espaços hierárquicos distintos. Compartilhando o espaço com outras disciplinas tais como geografia, biologia, buscar-se-á produzir um conhecimento mais apurado sobre a temática proposta.

7.2 Desenvolvimento:

Aula 1

Inicialmente, como forma de introduzir a temática, o professor perguntará sobre o nome das ruas que alunos moram, bem como a localização geográfica das mesmas. O professor deverá lançar a questão: Qual a importância do nome da rua? Como foi instituído o nome das ruas? Qual o nome das principais ruas e porque estes nomes foram dados?

Aula 2

O professor trabalhará com as reformas urbanas que Campina sofreu e suas conseqüências dentro da chamada modernização da cidade, o fenômeno urbano e as conseqüências para o clima.

Aula 3

Será feita a reflexão sobre a relação entre poder e memória na imposição dos nomes das ruas, o espaço urbano e os conceitos de centro e periferia, a rua como um lugar da violência, do medo, dos diversos grupos e tribos.

Aula 4

O professor introduzirá a discussão sobre as mudanças ocorridas que transformaram a utilização da rua, o automóvel e as ruas que assumiram a condição de corredores, número de acidentes, bem como abordará a poluição sonora e ambiental presentes nestes.

8. AVALIAÇÃO:

A avaliação primará pela pesquisa, sendo solicitado para os alunos a coleta de informações sobre o nome de sua rua, uma busca na internet pelas fotos antigas de Campina para serem trabalhadas em sala de aula, a visita a câmara de vereadores para se conhecer como se dá o processo da escolha dos nomes das ruas, como também a ida aos órgãos de trânsito para ter acesso a estatísticas de acidente.

9. BIBLIOGRAFIA:

ARAÚJO, Silveira Vieira. **Narrativas sobre a cidade**: a construção da higiene estética de Campina Grande através dos discursos dos comerciantes (1930-1960). Disponível em <<http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0542.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre. **Cidade do prazer**: as reformas urbanas e o meretrício em Campina Grande (1930-1950). Disponível em <<http://www.itaporanga.net/genero/1/GT01/39a.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Campina Grande**: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945). Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n46/a04v2346.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

3.2 - PLANO DE AULA 2

1. COMPETENCIA DO ENEM - ÁREA 2: construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

2. TEMA DA AULA: Dengue, salubridade pública e repercussão social

3. TURMA: 3º ano do ensino médio

4. OBJETIVO GERAL:

Problematizar o surgimento da dengue enquanto epidemia, a historicidade do mosquito transmissor, as políticas de prevenção, áreas de infestação e as campanhas informativas.

5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

5.1 Analisar a epidemia de febre amarela, as políticas de saúde pública e a revolta da vacina no contexto da República Velha;

5.2 Investigar o ciclo de vida do mosquito transmissor, as formas de contágio, tipos da doença e a relação das epidemias com a o lixo e o esgotamento sanitário;

5.3 Debater sobre a relação do clima com as áreas de infestação e as probabilidades do contágio;

5.4 Questionar a informação divulgada sobre a dengue nos folhetos do Ministério da Saúde realizando uma análise da linguagem empregada.

6. DURAÇÃO DAS ATIVIDADES:

4 aulas de 50 minutos

7. ESTRATÉGIAS E RECURSOS DA AULA

7.1 Introdução

O mosquito *Aedes aegypti*, mais conhecido como pernilongo da dengue, foi no decorrer da história do Brasil vetor de epidemias em diferentes momentos históricos. Este estudo, partindo de uma abordagem interdisciplinar, buscará demonstrar que o referido inseto voador não foi responsável, e não continua a ser, isoladamente, por tantas mortes e doenças. Faremos uma breve explanação pela cidade do Rio de Janeiro, na República velha, destacando a salubridade pública, as péssimas condições de higiene e esgotamento sanitário, bem como a maneira truculenta com que o governo de Rodrigues Alves enfrentou as epidemias de febre amarela e varíola, fazendo da prevenção um caso de polícia, ensejando uma ação de repulsa da população conhecida pela revolta da vacina. Nestas aulas se trabalhará com conceitos que transitam por diversos saberes como salubridade pública, políticas de saúde, prevenção, tratamento, tratamento de lixo esgotamento sanitário, clima, etc.

7.2 Desenvolvimento

Aula 1 e 2

Principiando a aula se questionará se algum aluno já contraiu a dengue? Quais os sintomas? Qual é o tratamento, formas de contágio, prevenção, informação? Logo em seguida se exibirá um pequeno vídeo sobre a dengue. Depois se abrirá o espaço para debates sobre as informações veiculadas no pequeno documentário. Em seguida, o professor de biologia trabalhará com as doenças transmitidas pelas insetos alados, principalmente o mosquito da dengue, informando sobre o ciclo de vida do inseto, tipos de dengue, formas de contágio e tratamento. O professor de história tematizará a temporalidade das epidemias na República Velha.

Aula 3 e 4

O professor de geografia discutirá a dengue a partir do viés das chamadas doenças tropicais, analisando a influência do clima da gênese e infestação de áreas geográficas, as condições de habitabilidade na urbe do rio de Janeiro, na primeira metade do século XX, a questão da moradia, esgotamento sanitário, tratamento do lixo, etc., bem como apresentará estatísticas de contágio na Paraíba e em Campina Grande. O docente de história problematizará as questões que envolvem a revolta da vacina, distribuindo pequenos textos que se complementam sobre o assunto e incitando a leitura em pequenos grupos e a sua apresentação para a classe. Ao final da aula o lente de história retomará as dimensões trabalhadas e, junto aos alunos, produzirá possíveis conclusões colocando a Paraíba e a cidade de Campina Grande no centro da discussão.

8. AVALIAÇÃO

Ao final das primeiras aulas será lançado o questionamento, impelindo os alunos a produzirem um texto sobre o assunto trabalhado a partir da seguinte provocação: A dengue é uma doença que se apresenta como sendo algo meramente natural ou tem seu viés social? Nas demais aulas será proposta uma visita que os alunos farão ao posto de saúde ou a Secretaria de Saúde para adquirir folhetos e, em seguida produzirá uma pequena análise apontando as possíveis omissões e a intencionalidade do discurso ali presente.

9. BIBLIOGRAFIA

A HISTÓRIA da Revolta da Vacina, conflitos populares no início da República, Oswaldo Cruz, reurbanização do Rio de Janeiro, condições sanitárias do Rio de Janeiro no início do século XX. Disponível em http://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/revolta_da_vacina.htm Acesso em 05 de março de 2013.

ARAUJO, Silvera Vieira de. **Narrativas sobre a cidade: a construção da higiene estética de Campina Grande através dos discursos dos comerciantes (1930-1960).** Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0542.pdf> Acesso em 05 de março de 2013

BESERRA, Eduardo B. ; CASTRO JR, Francisco P. de; FERNANDES, Carlos R. M.; SANTOS, José W. dos; SANTOS, Tatiana da S. **Biologia e exigências térmicas de *Aedes aegypti* (Diptera: Culicidae)** provenientes de quatro Regiões bioclimáticas da Paraíba. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbmet/v22n2/a04v22n2.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

FILHO, Manoel F. Gomes; FIRMINO, Janne Lúcia da Nóbrega; LIMA, Edivania de Araújo. **A relação da previsão da precipitação pluviométrica e casos de dengue nos Estados de Alagoas e Paraíba do Nordeste do Brasil.** Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ne/v35n6/a21v35n6.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

MELO, Josandra Araújo Barreto de; PEREIRA, Suellen Silva. **Gestão dos resíduos sólidos em Campina Grande e seus reflexos socioeconômicos.** Disponível em <<http://www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/view/179/14>> Acesso em 05 de março de 2013.

3.3 PLANO DE AULA 3

1. COMPETENCIA DO ENEM - ÁREA 2: construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para a compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

2. TEMA DA AULA: Internet e as redes sociais

3. TURMA: 3º ano ensino médio

4. OBJETIVO GERAL:

Problematizar, a partir da história do tempo presente, as condições históricas que possibilitaram o advento da internet e das redes sociais, bem como a racionalidade surgida no compasso do mundo virtual fazendo uso de uma abordagem interdisciplinar.

5. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

5.1. Analisar a chamada era digital se utilizando de conceitos como modernidade, pós-modernidade, globalização e a chamada Revolução da Informação;

5.2 Debater sobre a linguagem das redes sociais, seu poder de conexão, seu uso político como instrumento de arregimentação e denuncia;

5.3 Estabelecer um espaço para discussão sobre o uso de códigos próprios, tais como emoticons, acrônimos, abreviações e ortografia particular, relacionados a linguagem culta, incorporação e criação dos vícios de escrita.

5.4 Investigar as consequências do avanço tecnológico a partir da hierarquização entre países centrais e periféricos, bem como debater sobre o lixo eletrônico;

5.5 Compreender os avanços da ciência e da técnica, estudando a importância das fontes energéticas, correntes elétricas, composição de materiais, temperatura, velocidade de transmissão e capacidade de processamento.

6. DURAÇÃO DAS ATIVIDADES:

4 aulas de 50 minutos

7. ESTRATÉGIAS E RECURSOS DA AULA

7.1 Introdução

A intencionalidade deste plano se reporta a compreensão da dinâmica da sociedade atual, marcada pela velocidade e por relações cada vez mais fluídas. A internet, e no seu interior as redes sociais, representam o palco em que as novas formas de estar e viver no mundo se conectam a partir da velocidade de mudança experimentada na sociedade moderna. Outro viés se apresenta como a abordagem de temas como regulação da internet, considerando a facilidade de se cometerem crimes, divulgação de imagens indevidas, pedofilia, estelionato e informações parciais e preconceituosas.

7.2 Desenvolvimento

AULA 1 e 2

Inicialmente o professor estabelece questionamentos sobre o que poderia significar a era digital, modernidade e Revolução da Informação. O docente de história conduzirá o espaço das discussões para estabelecer conexão entre as redes sociais e seu poder político e cultural; far-se-á o uso de pequenos documentários e a discussão de textos relacionados a cultura do reality show, do culto da imagem, da virtualização do cotidiano e o controle da vida.

AULA 3 e 4

Nestas aulas se discutirá sobre o avanço tecnológico e a exclusão digital referente à hierarquização do acesso a rede mundial entre países centrais e periféricos a partir da apresentação de dados estatísticos. Fazendo uso do data show se discutirá o uso da linguagem

própria da internet, bem como se conhecerá o uso da tecnologia levando em consideração as fontes de energia e eletricidade.

8. AVALIAÇÃO

A avaliação proposta se reporta pesquisa sobre sites que abordam a temática para a produção de um resumo crítico, considerando a questão: A internet tem sido na sociedade moderna uma rede de conexões ou criou ilhas de interesse que dificultam as relações sociais, a convivência de contrários, aumentando assim a gênese de grupos racistas e preconceituosos? Até que ponto a internet é meio ou fim em si mesma?

9. BIBLIOGRAFIA

GOMES, Elisabeth. **Exclusão digital: um problema tecnológico ou social?** Disponível em <http://www.radio.faced.ufba.br/twiki/pub/GEC/RefID/Elisabeth_Gomes_ED.pdf> Acesso em 05 de março de 2013.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais.** Disponível em <<http://crisgorete.pbworks.com/w/file/attach/58325978/Nativos.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

RAMAL, Andrea Cecília. **Ler e escrever na cultura digital.** Disponível em <http://www.idprojetoseducacionais.com.br/doc/ler_e_escrever_na_cultura_digital.pdf> Acesso em 5 de março de 2013

SILVEIRA, Sérgio Amadeu. **Inclusão digital, software livre e globalização contra hegemônica.** Disponível em <<http://200.132.38.201/professores/chmoraes/comunicacao-digital/09inclusaodigital.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

TEXTO DIGITAL. Disponível em <<http://www.textodigital.ufsc.br/textodigital01.pdf>> Acesso em 05 de março de 2013.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação que faço da disciplina prática de ensino remete a consideração de fatores que advogam o bom aproveitamento da mesma. A professora Nilda, atenta com a proposta de um ensino inovador e fundamentada nos eixos cognitivos do Enem, trabalhou na sala de aula e a distância as matizes das LDB, quais sejam a interdisciplinaridade e a contextualização. Esta prática docente prepara os alunos para, na sua vida profissional, trabalhar temáticas estabelecendo ligações entre a aprendizagem e as finalidades sociais, rompendo com a especialidade da disciplina de história para buscar conceitos localizados nas fronteiras das ciências humanas.